

## A nova vida em Cristo

### Gálatas 2.19b-20 (NAA)

<sup>19</sup>[...] Estou crucificado com Cristo; <sup>20</sup>logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.

**E**m poucos minutos, oito candidatos ao batismo farão sua pública profissão de fé. E é fácil, numa manhã como esta, olhar para a cena e pensar só em números: mais oito batizados, mais oito nomes acrescentados ao rol de membros, mais um dado somado à estatística do crescimento evangélico no Brasil.

Mas se for só isso — se o que vai acontecer aqui for apenas um registro, uma formalidade, um nome numa lista —, então perdemos exatamente o que há de mais sério nesta manhã.

Há um instante, no meio do batismo, em que tudo fica em suspenso. O candidato desce os degraus, a água sobe até à altura do abdômen, a mão se estende sobre ele — e, por um segundo, antes de a cabeça ir para debaixo da água, ele ainda respira o ar de uma vida inteira. Depois, o mundo se fecha: o som muda, a luz se filtra diferente, e por um instante — só um instante — não há ar nenhum. E então a mesma mão que o imergiu o emerge. E há ar de novo. Outro ar. Os primeiros segundos de outra vida.

Mas não é a água que faz isso. O que vemos ali é só um pequeno espelho, uma cena de poucos segundos: ela não mata ninguém, e não dá vida a ninguém. Ela apenas deixa os nossos olhos verem, por um instante, o que já aconteceu de verdade — em silêncio, sem testemunhas, no coração de cada um dos batizados, num dia que talvez nem eles saibam apontar no calendário.

Esse instante sem ar sob as águas é o resumo físico do que vamos abrir hoje. Porque o que está em jogo aqui não é uma adesão religiosa. É uma morte. E uma vida. Um homem precisa morrer para que outro nasça.

Foi exatamente isso que o apóstolo Paulo escreveu sobre si mesmo, numa das frases mais densas de toda a Bíblia. Leiamos mais uma vez, em Gálatas 2, do final do versículo 19 ao 20:

<sup>19</sup>[...] Estou crucificado com Cristo; <sup>20</sup>logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.

No grego, essa frase inteira — do “crucificado” ao “se entregou por mim” — não tem um único ponto final no meio. É Paulo falando em um fôlego só.

Esta manhã, eu quero que a gente entenda essa frase assim: não como um versículo bonito para guardar, mas como uma única declaração inteira sobre o que precisa acontecer em cada vida humana. Vamos abri-la em **TRÊS MOVIMENTOS**: 1) o que é essa nova vida, 2) como se vive, e 3) por que existe.

## 1. O que é a nova vida em Cristo

“Estou crucificado com Cristo.” Paulo não diz “decidi mudar” ou “estou buscando viver melhor”. Ele usa um verbo de violência: **crucificado**. E esse verbo, no grego, está num tempo que o português não tem palavra exata para traduzir — um passado que continua acontecendo agora. Não é “fui crucificado, e isso já passou”.

É mais como: “fui crucificado, e ainda estou.” As marcas continuam abertas nas mãos e nos pés.

Repare também: Paulo não diz “eu me crucifiquei”. O verbo está na voz passiva — alguém fez isso a ele.

Paulo não morreu por esforço próprio, com força de vontade, prometendo na frente do espelho que ia mudar de vida. Ele foi crucificado. Essa morte não foi obra dele. Foi obra de Cristo, na cruz, há dois mil anos, aplicada a ele.

É exatamente isso que cada um de nós, crentes em Cristo, um dia dissemos — e estes oito vão dizer hoje —, sem precisar das mesmas palavras: “Eu não me consertei. Alguém morreu por mim, e essa morte virou minha.”

E então vem o **segunda parte da frase**: “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.” Aqui não é mais sobre aquele que morreu — é sobre quem passou a morar nele. Não é uma vida reformada, com alguns hábitos trocados. É uma vida com outro morador. Cristo, de dentro, vivendo — vivendo a vida dele em nós.

Isso muda tudo o que vem depois: a força para perdoar quem feriu, a vontade de continuar quando o desânimo chega, a capacidade de amar quando não dá vontade nenhuma, a consciência do pecado e o desejo de ser santo — nada disso nasce de esforço próprio. Nasce de quem vive lá dentro.

Essa é a descrição, então. Não uma vida nova decorada por fora, com novos hábitos da força de vontade. Mas uma vida morta por dentro — e habitada por Outro.

## **2. Como se vive a nova vida em Cristo**

Esse viver, diz Paulo, ele tem “na carne” — não num mundo espiritual distante, separado da vida real. Essa nova vida em Cristo é na carne mesma: nas contas do mês, na discussão em casa, no diag-

nóstico que ainda não veio, na briga intensa contra os maus desejos, na manhã em que a vontade de orar simplesmente não aparece. É aí, no meio disso, que essa vida precisa ser vivida.

E como?

“Pela fé no Filho de Deus.”

Não é uma fé exercida uma vez, no ato da conversão, na hora do batismo, e depois guardada como lembrança boa. É como aquele primeiro gole de ar lá na emersão das águas do batismo: ele não bastou para o resto do dia. Foi preciso respirar de novo. E de novo.

A fé funciona assim — não é o gole inicial, é a respiração que continua. Cada manhã, cada instante voltar a confiar no mesmo Cristo que já se mostrou suficiente ontem.

Não é força de vontade. Não é disciplina decorativa. É depender, todos os dias, de Alguém que já provou ser fiel. É viver pela fé nas promessas da palavra de Deus.

Paulo vai dizer, mais adiante, em **Gálatas 3.5**, que Deus concede o Espírito e opera milagres entre nós não pelas obras da lei, não pelo que nós praticamos ou decidimos fazer, mas “pela pregação da fé”. A nova vida em Cristo é vivida pela fé.

Você ouve ou lê a palavra de Deus. Chega ao conhecimento da verdade. Ela orienta seus pensamentos, suas escolhas, suas decisões. Você reconhece sua própria incapacidade. Ora. Confia na Palavra. E age conforme a Palavra. Isso é viver pela fé. Isso é viver pelo Espírito. É assim que se vive a nova vida em Cristo.

### **3. Por que existe a nova vida em Cristo**

Mas por que existe essa vida? Por que Cristo faria isso — crucificar-se com alguém, morar — pelo Espírito — dentro de alguém, sustentar a fé de alguém dia após dia?

A resposta está nas últimas palavras da frase de Gálatas 2.20: “[o] Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.”

Não “que ama a humanidade”, em termos genéricos, distantes, como se ama uma causa. “Que me amou” — nomeado, pessoal, dirigido a alguém com rosto, história e vergonhas guardadas. Você. Eu.

**E quem é esse que ama?** O Filho de Deus. Não um anjo enviado, não um profeta comissionado — o próprio Filho eterno de Deus, descendo, vestindo carne, andando entre nós cheio de compaixão, glorioso, cheio de graça e de verdade.

**E o que esse amor fez?** Não enviou flores. Não mandou recado. “Se entregou” — verbo de entrega total, sem condição, sem reserva. O Filho de Deus, na cruz, no lugar de quem deveria estar lá.

**E quem é o “mim” dessa frase?** Paulo, que em outro lugar se chama “o principal dos pecadores”, perseguidor da igreja. Não era alguém que já merecia esse amor por bom comportamento anterior. O amor veio primeiro; o merecimento nunca veio.

É essa a razão de existir dessa nova vida: não é projeto de autoaperfeiçoamento, nem fuga de culpa religiosa. É resposta a um amor que já agiu, antes de qualquer mérito nosso. Por isso a vida cristã, no fundo, é menos esforço e mais fé. Menos tentativa de provar algo a Deus, e mais entrega a quem já provou tudo por nós.

No fim de tudo, essa nova vida em Cristo é para o louvor da gloriosa graça de Deus.

## **A sua vez**

Em poucos minutos ouviremos a profissão de fé desses oito; e, se tudo correr como planejamos, eles vão entrar na água durante o culto de hoje a noite. E quando saírem dela, ofegantes, pingando, sorrindo, não serão apenas mais oito números numa estatística de

crescimento evangélico. Serão oito pessoas declarando, diante de testemunhas, que já morreram para uma vida e vivem agora outra: crucificadas, habitadas por Cristo, sustentadas pela fé, amadas por um Filho que se entregou por cada uma delas, pelo nome.

Vocês oito, hoje, não estão apenas cumprindo um rito. Estão dizendo, com o corpo inteiro, o que Paulo disse com a pena: “Já não sou eu quem vive — é Cristo quem vive em mim.”

E para quem ainda assiste de fora, sem ter vivido isso: a pergunta desta manhã não é se você é religioso. É se essa morte já aconteceu em você, e essa vida já começou. Se ainda não começou, ela pode começar agora — não com um mergulho na água, mas com uma entrega a quem já se entregou primeiro.

Essa é a nova vida em Cristo. Não uma reforma. Uma ressurreição. E este é o grito dessa nova vida, da igreja inteira:

Estamos crucificados com Cristo; logo, já não somos nós quem vivemos, mas Cristo vive em nós. E esse viver que agora temos na carne, vivemos pela fé no Filho de Deus, que nos amou e se entregou por nós.

**S.D.G. L.B.Peixoto.**